

Ativos tornam-se boas oportunidades de compra

De São Paulo

Em alguns casos, o endividamento das usinas que pediram proteção judicial não é elevado, se comparado com os ativos. Havia um passivo de curto prazo, que, em meio ao ápice da crise, acabou detonando uma reação precipitada. Essa condição, as tornam, em alguns casos, atrativas para compradores. Foi o que aconteceu recentemente com as usinas do Grupo J. Pessoa.

Administrada por José Pessoa de Queiroz Bisneto, o grupo assinou memorando com a Marambaia Energia Renovável, controlada pelo banqueiro Luiz César Fernandes (ex-Pactual e Garantia) de uma parceria que deve resultar na incorporação das usinas pela Marambaia em troca da concessão de ações da empresa ao Grupo J. Pessoa. São seis usinas, sendo uma em São Paulo e outras duas em Mato Grosso do Sul, além de unidades em Sergipe

e no Rio de Janeiro. O grupo tem endividamento de R\$ 270 milhões e uma capacidade de moagem de 6 milhões de toneladas.

Também em recuperação judicial, a Infinity Bio-Energy, apesar de um endividamento maior (R\$ 1 bilhão, que foi reduzido pelos credores para R\$ 500 milhões) e com ativos considerados menos atrativos pelo mercado, conseguiu negociar a venda de 70% da empresa para o grupo Bertin, tradicional em infraestrutura. O valor do capi-

tal injetado na companhia pelo Bertin ainda não foi divulgado.

O fato é que algumas usinas em recuperação judicial podem virar oportunidade de negócio para compradores. Mas, se foi bom ou mal negócio para essas empresas entrarem em recuperação judicial, só o tempo dirá. A avaliação é de que o endividamento não foi sozinho o que detonou as decisões das usinas de aderir a esse recurso, segundo André Passos, advogado da Bu-

ranello Passos Advogados.

“Foi uma reação das empresas para tentar se proteger, diante da escassez de crédito e de uma condição alavancada. Foi para conseguir um respiro, e não uma solução”, diz Passos. Segundo ele, o viés negativo pode surgir após o processo, com mais restrições na concessão de crédito. São situações que resultam de uma recuperação que traz deságios elevados da dívida ou que não permitem ao credor participar da discussão. (FB)

LEONARDO RODRIGUES/VALOR

Produção de açúcar da Índia deverá aumentar

São Paulo

Os preços do açúcar na bolsa de Nova York recuaram 36% em seis semanas, e a expectativa sobre o que vem pela frente, que já não era pequena, agigantou-se. Representantes de usinas grandes, médias e pequenas estavam atentos ontem ao que Rakesh Bhartia, um indiano com larga experiência no mercado de cana-de-açúcar e álcool tinha a dizer.

E eis que Barthia, que participou em São Paulo de um seminário sobre as perspectivas para o setor sucroalcooleiro promovido pelo Rabobank, surgiu com uma notícia boa e outra ruim para os usineiros do Brasil.

A ruim é que a produção de açúcar na Índia, na safra que se inicia em outubro deste ano — a 2010/11 —, tem potencial para crescer até 50% e atingir 24 milhões de toneladas. A boa é que ainda assim o volume não será suficiente para gerar excedentes mundiais elevados.

Barthia, que atualmente é CEO da empresa química India Glycols Limited, disse que um importante fator que define o tamanho da safra indiana — que tem ciclo de apenas dois anos — é o preço pago pela cana-de-açúcar ao pro-

ductor. E eles começaram a aumentar em 2009 e avançam este ano. “Esse valor cresceu 28% em 2009, 56% em 2010 e, com o ano eleitoral na Índia, há chances de aumentar ainda mais”, alertou Bhartia sobre o potencial de aumento da produção para 2012.

Também reforça a tendência de grande safra em 2012, o fato de os preços pagos ao produtor por culturas concorrentes, como trigo e arroz, não terem subido em 2010, segundo Barthia.

Apesar da previsão de uma grande safra também no Brasil para 2010/11, Andy Duffy, do Rabobank, não aposta em fortes quedas no preço da commodity, pelo menos, do ponto de vista de fundamentos. “A relação de estoque e consumo vai crescer, mas sem atingir a média histórica, ou seja, não deve haver um grande excedente na temporada”.

O Rabobank prevê, em um cenário altista, preços do açúcar retomando os níveis de 19 a 24 centavos de dólar por libra-peso e, em um contexto baixista, preços entre 15 e 21 centavos de dólar por libra-peso, que ainda são considerados bons, segundo Duffy. “Mas é preciso ponderar que o modelo não capta outros fatores que acontecem no merca-



Aumento dos preços da cana no mercado da Índia estimula a produção, diz Rakesh Bhartia, especialista do setor

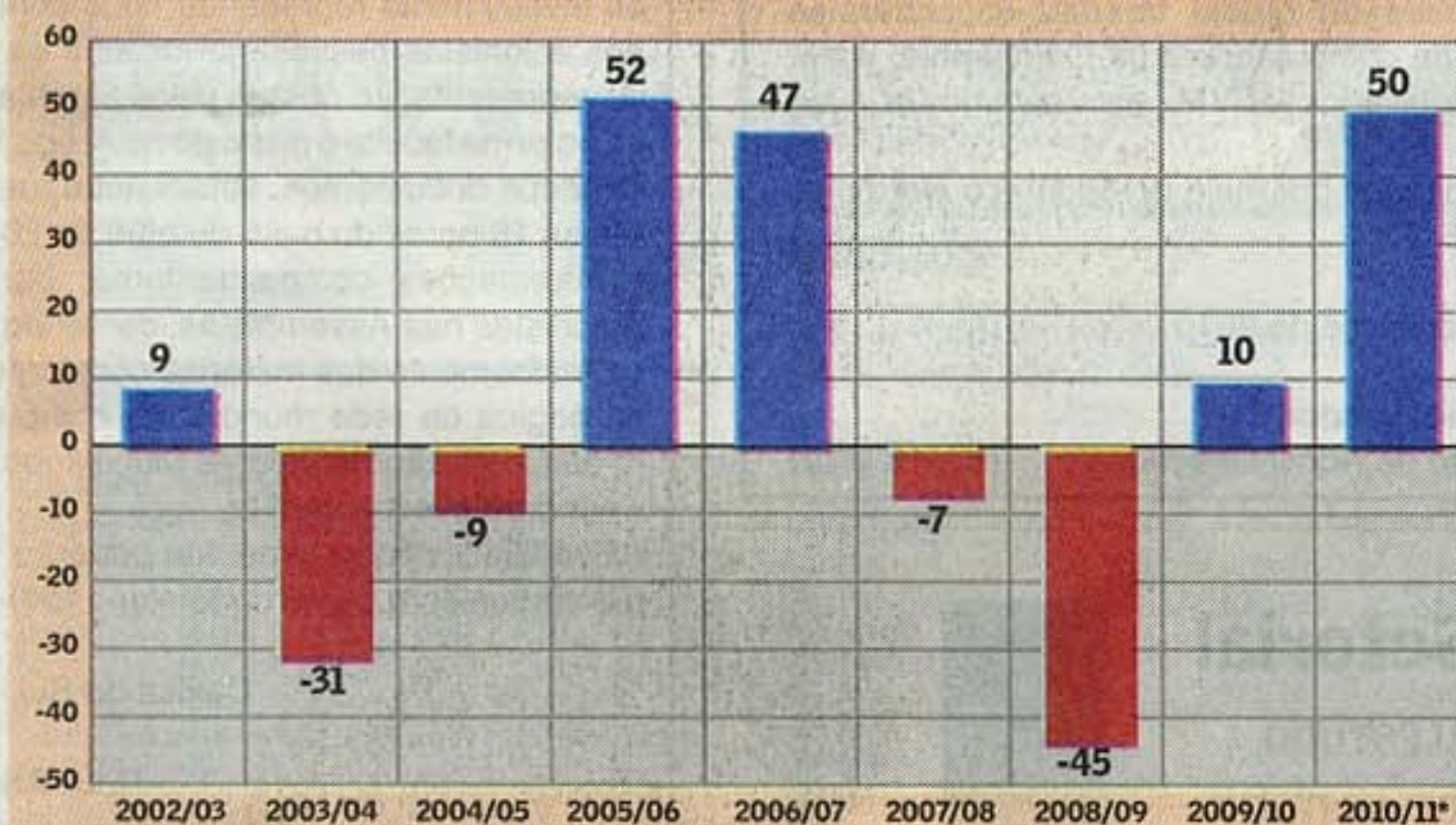
do, sobretudo o comportamento dos fundos”, avisa Duffy.

O custo de produção do açúcar no Centro-Sul do Brasil posto no porto está em torno de 15 centavos de dólar por libra-peso, segundo a consultoria Datagro.

A previsão do Rabobank é de que produção mundial de açúcar no ciclo 2010/11 vai crescer 11%, de 159,6 milhões de toneladas para 176,4 milhões. A instituição espera para o Brasil uma moagem de até 654 milhões de toneladas, uma produção de etanol da ordem de 29 bilhões de litros, e um volume de açúcar de 38 milhões de toneladas. (FB)

Oferta errática

Oscilações da produção indiana de açúcar (% em relação à safra anterior)



Fonte: Rakesh Bhartia (India Glycols) * Previsão otimista